

SABERES TRADICIONAIS: UMA ANÁLISE DO ARTESANATO URBANO E RURAL DO MUNICÍPIO DE CAÇAPAVA DO SUL/RS/BRASIL

Ricardo Stedile Neto¹
Thales Silveira Souto²
Paloma Tavares Saccol³
Ligian Cristiano Gomes⁴
Mateus Pessetti⁵

RESUMO: A geografia surge junto com a história da humanidade. Se caracteriza por ser uma área de estudo secular. É neste contexto, que as comunidades tradicionais assumem um papel de significativa importância na reconstrução do lugar e da paisagem cultural de determinado grupo social. Com base nessas informações, o presente artigo tem como objetivo geral analisar a presença do artesanato rural e urbano no município de Caçapava do Sul/RS. Especificamente buscou-se: (a) identificar quais as principais diferenças entre o artesanato rural e do urbano no município e (b) analisar de que forma os artesãos da unidade territorial em estudo estão inseridos nessa nova realidade que é imposta pelo processo capitalista. A metodologia deste artigo, consistiu, primeiramente, num levantamento bibliográfico acerca do tema trabalho. Justifica-se a escolha do tema, pois o mesmo possui um histórico cultural, que representa a identidade gauchesca.

Palavras-chave: Saberes tradicionais; Artesanato; Urbano; Rural.

ABSTRACT: Geography emerges along with the history of humanity. It is characterized by being a secular area of study. It is in this context that traditional communities assume a role of significant importance in the reconstruction of the place and cultural landscape of a particular social group. Based on this information, this article aims to analyze the presence of rural and urban handicrafts in the municipality of Caçapava do Sul / RS. Specifically, it was sought to: (a) identify the main differences between rural and urban handicrafts in the municipality and (b) to analyze how the artisans of the territorial unit under study are inserted in this new reality that is imposed by the capitalist process. The methodology of this article consisted, first of all, of a bibliographical survey about the work theme. It is justified the choice of the theme, since it has a cultural history, which represents the gauchesque identity.

Keywords: Traditional knowledge; Crafts; Urban; Rural.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria. Contato: rickstedile@gmail.com

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria. Contato: thales.souto@hotmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria. Contato: palomasaccol1992@gmail.com

⁴ Graduando do curso de Geografia Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria. Contato: ligiangomes53@gmail.com

⁵ Graduando do curso de Geografia Licenciatura Plena da Universidade de Passo Fundo. Contato: mateuspessetti84@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A geografia surge junto com a história da humanidade. Se caracteriza por ser uma área de estudo secular. Existem registros de estudos geográficos antes mesmo de existir um conhecimento científico. As sociedades da antiguidade se utilizavam da observação dos fatores naturais, para se desenvolverem no espaço. Vale destacar, porém, que é só durante o século XIX que passa a ser uma ciência, e começa a ser entendida como uma disciplina.

Recentemente, principalmente com os estudos da Geografia Cultural, é que se começa a se considerar que os grupos sociais estão inseridos na paisagem, e são formadores do espaço geográfico. Passa-se a ter a concepção, então, que a relação sociedade/natureza é indissociável, uma depende da outra para existir.

Ao advento dessa nova área da geografia, a Geografia Cultural, vem com o objetivo de sanar as demandas sociais que se apresentam com as grandes transformações do mundo contemporâneo. Inicialmente, essa nova concepção de entender as relações entre homem e meio, eram direcionadas separadamente, ou seja, os estudiosos consideravam que um fator era formador do outro, porém, dependendo de sua origem teórica, considerava um fator mais importante que o outro. Esse cenário muda, principalmente durante o pós-segunda Guerra Mundial, quando a demanda de preservar as heranças e reconstruir as culturas, principalmente as europeias, tão devastadas pela Guerra, começou a emergir.

Com o surgimento da Geografia Cultural Renovada, durante a década de 1970, é que surge o método fenomenológico nos estudos culturais. Cosgrove; Jackson (2000, p.15) destacam que

O interesse pelo campo da geografia cultural renovou-se na década de 1970, com o surgimento de diversas novas perspectivas. Em 1978, Cosgrove previa a cooperação vantajosa entre a geografia cultural humanista e a geografia social marxista, “através de uma investigação sobre o mundo do homem e as geografias da mente”

Paul Claval, em seu artigo que trata da renovação do Cultural na Geografia, temporaliza os estudos da Geografia Cultural e destaca que é a partir da década de 1970 que o conceito deixa de ser uma subárea da geografia humana, e assume um patamar de conceito próprio, como a geografia política, geografia econômica, etc. Sauer (2007, p.25) que “a geografia cultural implica, portanto, um programa que está integrado com o objetivo geral da geografia, isto é, um entendimento da diferenciação da Terra em áreas.”

É neste contexto, que as comunidades tradicionais assumem um papel de significativa importância na reconstrução do lugar e da paisagem cultural de determinado grupo social. Os saberes e fazeres que estas comunidades construíram durante a história, sem qualquer embasamento científico, é que fazem os estudos culturais possuírem enormes possibilidades de concepções.

Essas comunidades tradicionais, utilizam-se dos seus códigos culturais⁶, para se consolidarem no seu espaço. Esses códigos, que são vistos como seus costumes, são transmitidos entre seus descendentes, afim de que sua cultura permaneça viva.

O artesanato, é um código material, bastante específico de cada comunidade. As peças que são produzidas pelos artesãos assumem um papel de identidade para aquele determinado grupo. Nota-se, porém, que na contemporaneidade, muitas dessas comunidades estão sofrendo com esse processo de globalização, que tende a homogeneizar as culturas.

Em contrapartida a este processo, surgem iniciativas de caráter solidário, que são organizadas, em sua maioria das vezes pelos próprios integrantes desse determinado grupo. Essas iniciativas, por estarem inseridas no processo capitalistas, surgem como uma possibilidade de resistência e contestação. Segundo Santos; Rodrigues (2002, p. 56) as organizações são alternativas que “implicam transformações graduais que criam espaços de solidariedade dentro ou nas margens do sistema capitalista. Para quem nelas participa, as alternativas deste tipo implicam transformações fundamentais nas suas condições de vida”. Ressalta-se, então, que apesar de assumirem um papel de resistência, as comunidades tradicionais precisam se adaptar e se inserirem no processo capitalista.

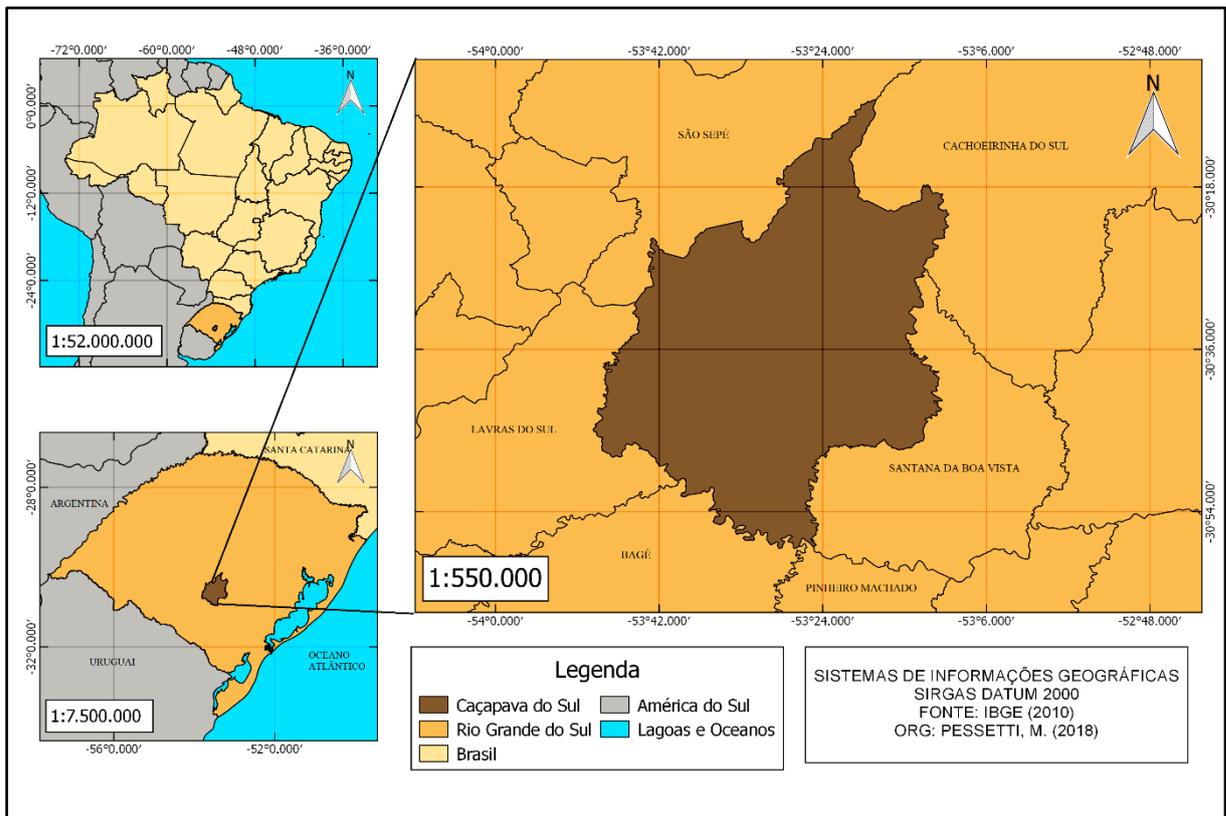
Com base nessas informações, o presente artigo tem como objetivo geral analisar a presença do artesanato rural e urbano no município de Caçapava do Sul/RS. Especificamente buscou-se: (a) identificar quais as principais diferenças entre o artesanato rural e do urbano no município e (b) analisar de que forma os artesãos da unidade territorial em estudo estão inseridos nessa nova realidade que é imposta pelo processo capitalista. (MAPA 1).

A metodologia deste artigo, consistiu, primeiramente, num levantamento bibliográfico acerca do tema trabalho. Para isso, foram utilizados livros, teses e dissertações que tratassem da problemática do artesanato. Num segundo momento, realizou-se um trabalho de campo, onde ocorreu a visita da Casa do Artesão de Caçapava do Sul, onde foi realizado um bate

⁶ Os códigos culturais configuram-se como convenções simbólicas partilhadas por uma mesma comunidade social. É responsável pela sua identificação, salientando a diferença, uma vez que cada grupo cultural é permeado por um sistema simbólico de representação particular, (re) construído no constante processo evolutivo das sociedades. (BRUM NETO, 2007, p. 43).

papo com as artesãs urbanas, e também à Vila Progresso, comunidade que se encontra na zona rural do município, e tem sua identidade cultural ligada a produção do artesanato rural confeccionado com lã ovina. Posterior a isso, houve a análise do trabalho de campo e redação do trabalho final.

Mapa 1: Localização do Município de Caçapava do Sul/RS



Org: PESSETTI, M. (2018)

Justifica-se a escolha do tema, pois o mesmo possui um histórico cultural, que representa a identidade gauchesca. A lida com os ovinos na área da campanha, é um processo que está diretamente ligada a essência dessa região. Estudos que possibilitem o conhecimento, e que possam gerar medidas preservacionistas são de extrema importância para manter essa atividade cultural de Caçapava do Sul.

2 ARTESANATO EM CAÇAPAVA DO SUL/RS: O RURBANO

Com o processo de globalização cada vez mais concretizado na sociedade nos dias atuais, onde percebe-se que as fronteiras mais maleáveis e as distâncias menos evidentes, torna-se necessário um processo de desenvolvimento e preservação das comunidades tradicionais.

Preservar as culturas possibilita manter viva a história de determinado grupo no tempo-espaço (FROEHLICH, 2012).

Apesar de a globalização parecer um processo negativo, cabe destacar que ao mesmo tempo em que isso ocorre, surge um período de valorização das singularidades e pluralidades dos povos. Essa valorização pela tradição popular, cultivos orgânicos, entre outros, é uma prática cada vez mais estimada na sociedade. O que até pouco tempo era visto como algo ultrapassado, atrasado, assume um papel de algo que deve ser preservado (FROELICH, 2012).

Vargas (2016) destaca que o papel do artesanato⁷ tradicional, que inicialmente eram confeccionais para sanar necessidades de determinada comunidade, hoje, tem a necessidade de atender um consumidor que busca algo diferente, único, que destaque o local onde é feito. Para isso, foi necessário que os artesãos adaptassem seus produtos, assumindo assim um papel nesse novo processo (Figura 1). Evidencia-se este fenômeno, quando Vargas (2016, p. 15) diz que

A demanda pelos produtos artesanais mudou com o tempo e o artesão buscou adaptar seus produtos às novas exigências do mercado consumidor, em alguns momentos modificando o processo de trabalho, os materiais utilizados para a confecção e as características das peças criadas. Demandando por vezes, a ampliação da produção e alterações nas técnicas manuais utilizadas para potencializar a mão de obra, quando não ocorre a necessidade de mecanizar alguma parte do processo de produção.

O artesanato tradicional, principal tipo encontrado no município de Caçapava do Sul, é encontrado principalmente nos territórios rurais. Esses territórios, tem nas suas comunidades fontes de saberes e práticas culturais tradicionais, que imprimem no seu artesanato seus valores coletivos e identidades culturais. Vives (1983, p. 133) compreende o artesão tradicional sendo “aquele que emprega e transmite, em seu trabalho, valores, técnicas e signos amadurecidos e aceitos no sistema cultural a que ele mesmo pertence”.

⁷ Segundo o Conselho Mundial do Artesanato (WCC, 1996), artesanato é toda atividade produtiva que resulte em artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade.

Figura 1: Rolos de lã para suprir a grande demanda de peças confeccionadas com lã



Fonte: Trabalho de Campo, 2017.

Essa grande demanda por produtos artesanais atualmente, se dá, principalmente, por essas peças constituírem produtos que possuem “calor humano”, estão vinculados a um processo de identidade, de pertencimento. Canclini (2008, p. 218) fala sobre o artesanato na contemporaneidade

Nunca terá havido tantos artesãos, nem músicos populares, nem semelhante difusão do folclore, [...] os seus produtos mantêm funções tradicionais [...] e desenvolvem outras modernas: atraem turistas e consumidores urbanos que encontram nos bens folclóricos signos de distinção, referências personalizadas que os bens industriais não oferecem

Pode-se dizer então, que o artesanato tradicional rural, que é considerado um patrimônio cultural, pode ser um fator determinante para o desenvolvimento territorial. Isso se dá, principalmente por essas novas demandas se inserirem em comunidades que até então, estavam isoladas.

Tedesco (2010) destaca que o desenvolvimento local/territorial precisa capitalizar, valorizar e compreender as potencialidades, as riquezas de um território que foram, histórica e culturalmente, produzidas pelos coletivos que compõe. O artesanato une e agrega pessoas, técnicas, saberes, território identificados coletiva e culturalmente nesse processo de desenvolvimento.

A realidade do artesanato de Caçapava do Sul, pode ser dividida em duas: o artesanato presente na Vila Progresso, na área rural do município, onde se mantém, de alguma forma, os meios de produção tradicional; e o artesanato urbano. Esse último, perde seu sentido de identidade, e não expressa nem representa a realidade cultural do município.

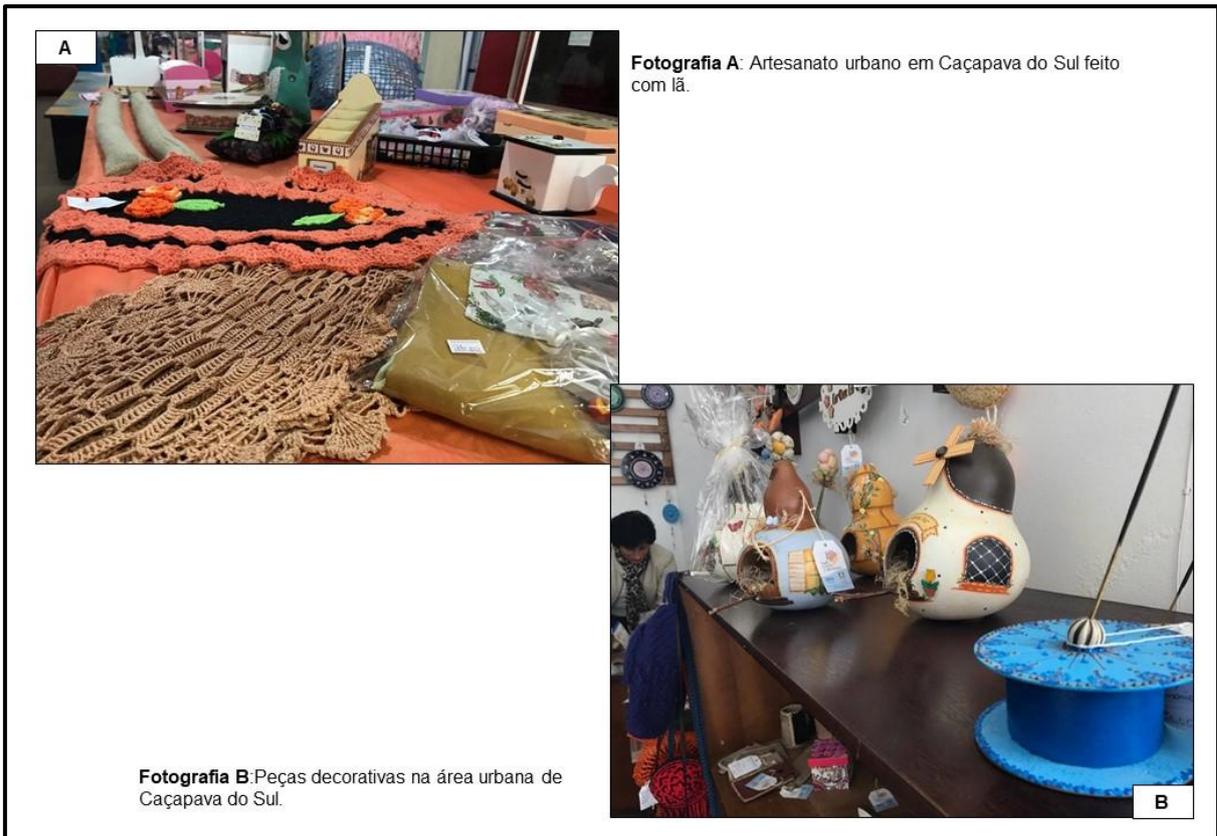
Canclini (1982) trabalha a concepção do artesanato urbano, quando fala sobre as lojas de artesanato. Destaca que a loja de artesanato contempla quatro tipos de artesanato: o prático (roupas); o cerimonial (ligado a atividades religiosas); o santuário (joias, etc) e o estético (decorativo). Segundo o autor, a loja urbana basicamente contempla o tipo de santuário e estético.

Percebe-se com o artesanato encontrado na parte urbana de Caçapava, que se foca principalmente na questão decorativa (Figura 2). Onde as artesãs se utilizam de matérias-primas urbanas e rurais para a elaboração de bens decorativos. Percebe-se, porém, que na parte urbana, o artesanato sofre uma hibridização, e perde seu sentido de identidade.

Ressalva-se ainda, que o perfil dos artesãos presentes na área urbana é diferente dos encontrados na área rural. Na área urbana, percebe-se que a maioria são do sexo feminino e possuem um nível de escolaridade maior que os da área rural. Os artesãos urbanos, ainda se caracterizam como sendo artesãos como hobby, não tendo a prática como uma renda de sobrevivência.

Oposto a isso, o artesão da Vila Progresso possui uma mescla entre os homens e as mulheres no processo de produção e tem no artesanato como sua principal fonte de renda. Isso, fez com que os artesãos tradicionais precisassem se adaptar ao mercado capitalista.

Figura 2: Mosaico fotográfico mostrando o artesanato urbano em Caçapava do Sul/RS



Fonte: Trabalho de Campo, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

Notou-se uma preocupação na reutilização de materiais recicláveis na confecção, isso acontece principalmente por utilizar materiais urbanos. Enfrenta as problemáticas atuais das áreas urbanas, como o excesso de desperdício que a sociedade produz (Figura 3).

Essa nova vertente do artesanato que se utiliza de materiais que seriam descartados para a produção de peças com altíssima beleza cênica, é uma tendência que se desenvolve em escala mundial. Segundo as artesãs, as mesmas estão realizando cursos e especializações para se aperfeiçoarem na utilização dessa matéria-prima.

Ainda conforme informações obtidas durante o trabalho o campo, destacou-se a importância de a sociedade fazer a separação do lixo. Segundo as artesãs, a matéria-prima é obtida através de doações, e destacam a necessidade crescente de materiais que possam servir para confeccionar esse artesanato sustentável.

Fotografia 3: Mandalas produzidas a partir de calotas de carros

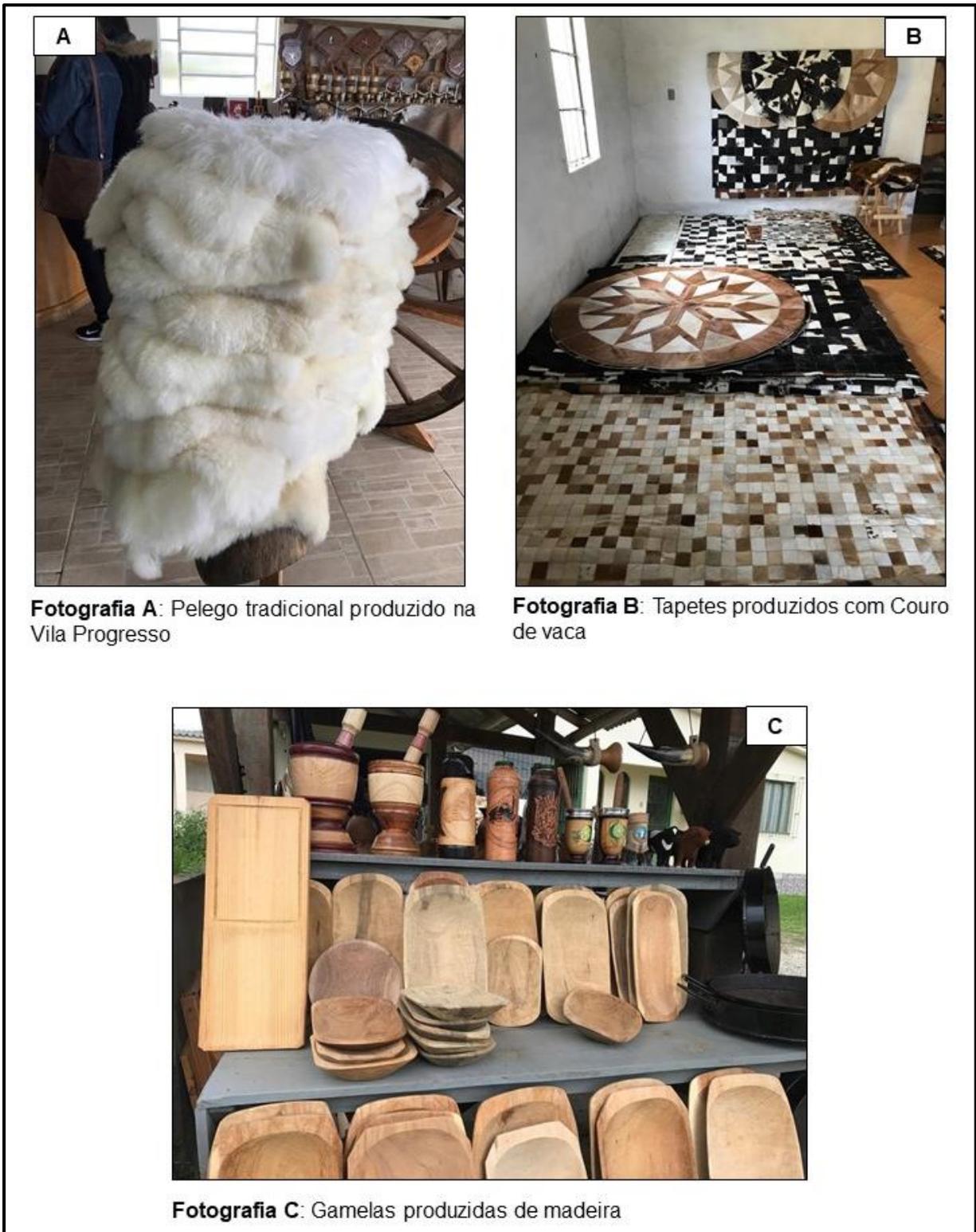


Fonte: Trabalho de Campo, 2017.

Ao que se refere do artesanato rural, que possui os traços tradicionais da confecção histórica gauchesca, a Vila Progresso se insere num contexto de resgatar as tradições e os saberes. Destaca-se que, apesar de o capital ter se inserido e modificado os modos de produção dessas peças, a modo de vida que os artesãos levam, ainda remonta, em certa parte a identidade cultural do povo do Pampa gaúcho. Esse processo de modificação, é visto como uma forma de o artesão tradicional se reafirmar na nova realidade econômica que está inserido. Tedesco (2010), destaca isso como sendo uma forma de agregar as comunidades, fazendo com que os integrantes se unam para desenvolver o local.

Pode-se dizer então, que mesmo com o artesanato da Vila Progresso vir a se desenvolver, permanece unido para o desenvolvimento da área. Nota-se que as formas de confecção e produção da matéria-prima se desenvolveu, mas o produto ainda resulta no artesanato tradicional. Além disso, destaca-se também que esse desenvolvimento acrescentou novos produtos artesanais, que não são originais do local, mas que foi introduzido devido à demanda (Figura 4).

Figura 4: Mosaíco fotográfico do artesanato produzido na Vila Progresso



Fonte: Trabalho de Campo, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

Outro fator determinante que caracteriza o artesanato tradicional atualmente, no Brasil, é o que Canclini (1982) trabalha como sendo a estética do souvenir. Com esse conceito, o autor

destaca a ideia de que as peças produzidas têm o intuito de demonstrar o lugar que os consumidores estiverem. Assume um papel de peça que merece ser exposta, para identificar os locais que é visitado. Pode-se perceber que a presença de um shopping na Vila Progresso, onde há a comercialização de uma série de produtos decorativos e de souvenir (Figura 5), que remetem o comprador ao local onde o mesmo foi adquirido, insere a localidade nesta nova realidade conceituada pelo autor.

Figura 5: Shopping com diversos produtos de souvenir



Fonte: Trabalho de Campo, 2017.

Canclini (1982) destaca essa ideia, de que é necessário superproteger o que se soube conseguir. Deixar exposto para que possamos mostrar que os que habitam aquela casa também viajam, se expandem, mantêm contato com o mundo. Esse processo de haver a necessidade de estampar na peça o local de onde é proveniente, que transmite ao consumidor uma ideia de autenticidade da peça, na verdade imprime a inautenticidade da peça. Considera-se isso, pois, se é necessário que grave a origem da peça, supõe-se o risco de esquecer de onde a mesma procede. Nota-se, portanto, que diferente do artesanato tradicional que era produzido por um

processo, o artesanato tradicional atual está ligado unicamente ao processo capitalista (CANCLINI, 1982).

É válido ressaltar também, que essa modificação nos meios de produção do artesanato tradicional, gerou a necessidade de que a forma como as peças são vendidas também se adaptassem. Com o aumento das rodovias, e áreas de beira de estrada, essas comunidades rurais viram a possibilidade de exporem seus produtos ao longo da via (Figura 6).

O comércio de estrada, segundo a palavras de Tedesco (2014) iniciou em 1935. Surge com o intuito de atender os carreteiros que levavam os produtos para suas terras. Nota-se que na Vila Progresso, por estar às margens de uma da BR – 290, que liga a região da fronteira com a capital gaúcha, se utilizou dessa forma de comércio para se consolidar nas vendas.

Figura 6: Produtos à venda às margens da BR - 290



Fonte: Trabalho de Campo, 2017.

As peças produzidas artesanalmente, por exigirem um grande esforço e detalhamento para sua confecção, imprimem nas suas peças um valor econômico bastante elevado (Figura 7), em comparação aos produtos industrializados. Destaca-se, porém, que os consumidores desses

produtos classificam o valor como satisfatório, pois as peças imprimem um papel de identidade, e de originalidade e autenticidade.

Figura 7: Tapetes expostos na BR, com seus valores



Fonte: Trabalho de Campo, 2015.

Nota-se, portanto, que essa forma de artesanato tradicional, ainda está presente na Vila Progresso. Porém, ele se caracteriza por ter se adaptado ao capital, sofrendo modificações com o decorrer do tempo para que os artesãos pudessem se manter no mercado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de formação do espaço geográfico está diretamente atrelado às mudanças impostas pelos grupos sociais que o ocupam. As temporalidades da humanidade são de suma importância para o desenvolvimento deste espaço.

Ressalva-se que a Geografia Cultural é o ramo da geografia que melhor explica as modificações que ocorreram com a influência do homem. Os estudos culturais explicam como

as culturas imprimem suas marcas, e deixam seus saberes e fazeres tradicionais na temporalidade de sua sociedade.

Caçapava do Sul, por estar na região da Campanha gaúcha, possui sua identidade cultural vinculada aos fazeres tradicionais. O artesanato em lã de ovinos é uma prática que identifica o artesão como pertencente aquele lugar.

Destaca-se, porém, que o processo de produção e de comercialização desse artesanato tradicional, principalmente o rural, sofreu modificações que foram impulsionadas pela globalização e pela abertura da região para o processo capitalista. Com o intuito de se manterem no mercado, comercializando seus produtos e suprimindo a demanda, esses artesãos tiveram que inserir em suas lojas produtos que não são provenientes daquela área, isso possibilitou que o artesão pudesse se afirmar no novo mercado.

Outro fator que se ressalva, é que o artesanato urbano de Caçapava do Sul não imprime o processo de identidade da campanha gaúcha. Apesar de algumas peças utilizarem como matéria prima alguns materiais que são típicos do Estado, as mesmas não são tidas como artesanato tradicional, pois não são peças que imprimam o sentido de pertencimento, são vistas apenas como peças decorativas.

O artesanato da Vila Progresso, vem sendo passado por gerações, porém, se não houver um envolvimento dos moradores mais novos, tende a desaparecer, pois o conhecimento não será passado para as próximas gerações. Destaca-se que é necessário políticas públicas para educar a sociedade da importância da preservação desse patrimônio cultural que caracteriza a região. Isso possibilitaria o desenvolvimento desta técnica das gerações contemporâneas.

REFERÊNCIAS

BRUM NETO, Helena. **Regiões Culturais: A Construção de Identidades Culturais no Rio Grande do Sul e sua Manifestação na Paisagem Gaúcha**. 2007. 319 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria.

CANCLINI, Néstor Garcia. **As Culturas Populares no Capitalismo**. 1 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1982.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CLAVAL, Paul. “A Volta do Cultural” na Geografia. **Mercator**, ano 1, nº 1, p. 19-28, 2002.

COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). Introdução à Geografia Cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 135 – 146.

FROEHLICH, José Marcos. Identidades e tradições reinventadas: o rural como tema e cenário. In: CARNEIRO, M. J. (org.). **Ruralidades contemporâneas – modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X – FAPERJ, 2012a, p. 201-226.

TEDESCO, João Carlos. Modernização, Patrimônio Cultural e Dinâmica Familiares: estratégias camponesas e territoriais de desenvolvimento no centro-norte do RS. **Ruris**, v. 4, n.º. 1, p. 133-166, 2010.

TEDESCO, João Carlos. Os “Tendeiros da Serra do Botucaraí”: estratégias mercantis e culturais no meio rural do centro-norte do RS. **Sociais e Humana**, v. 27, n.º. 2, mai/ago 2014, p. 91-109.

VARGAS, Daiane Loreto. **Tecendo Tradição: Artesanato e Mercado Simbólico em uma Comunidade Rural do Pampa Gaúcho**. 2016. 182 f. Tese (Doutorado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria.

VIVES, Vera. A beleza do cotidiano. In: RIBEIRO, Berta Gleizer, et al. (Org.) **O Artesão Tradicional e seu Papel na Sociedade Contemporânea**. 1 ed. Rio de Janeiro: Funarte, 1983, p. 133-148.

WWC. **World Crafts Council**. 2012. Disponível em: <<http://www.worldcraftscouncil.org>> Acesso em: 21 de nov. de 2017.